

Frê Arvora*

Palavras-Semente Para Plantar o ar que nos Falta

Notas sobre *Pe Ataju Jumali / Hot Air (Ar Quente)*

Seed-Words to Plant the Air we Lack

Notes on *Pe Ataju Jumali / Hot Air*

RESUMO

A partir das questões e imagens trazidas pelo filme *Pe ataju jumali / Hot air (Ar quente)*, o texto procura refletir sobre a condição de um mundo colonizado e modernizado aos moldes da monocultura financeira e industrial do norte global e a sua condição urbana, que sufoca a Terra para manter-se viva, diante da presente crise ambiental como consequência direta do seu modelo de progresso civilizatório.

Palavras-chave: cidades, créditos de carbono, crise climática, reencantamento, sementes.

ABSTRACT

Based on the questions and images brought up by the film *Pe ataju jumali / Hot air*, the text tries to reflect on the condition of a colonized and modernized world shaped according to the financial and industrial monoculture of the global north and its urban condition, which suffocates the Earth to reproduce itself, in the face of the present environmental crisis as a direct consequence of its model of civilizing progress.

Keywords: carbon credits, cities, climate crisis, reenchantment, seeds.

Pe ataju jumali / Hot air (Ar quente) é um curta-metragem produzido pela plataforma de vídeos audiovisuais *Unides contra a colonização: muitos olhos, um só coração*. O filme é dirigido e encarnado por Margarita Weweli-Lukana e Juma Pariri e participei como co-criadora em várias dimensões como na textualidade, fotografia, trilha sonora original, tradução, legendagem, acessibilidade, etc. O curta nasceu, dentre outros, da necessidade de denunciar empresas de crédito de carbono em terras indígenas, especialmente no bioma amazônico. Para tal utilizou-se de ativAÇÃO perforMÁGICA urbana, de relatos documentais e da ficção científica. O curta foi inteiramente gravado com câmera de celular, majoritariamente falado na língua do povo indígena sikuni e produzido na comunhão entre pessoas indígenas e transsexuais de diversas regiões de Abya Yala. O filme participou da *3rd International EcoPerformance Film Festival (2023)* e recebeu menção honrosa pelo seu júri¹.

Particpei arremessando sementes no embaralhamento de criação da produção audiovisual *Pe Ataju Jumali (2023)*, ofereci fragmentos de palavras, reciclagem de sons, fragmentos de imagens, olhares, fiz parte dessa compostagem oferecendo meu lixo, em parte reciclado e assimilado no processo. Escrevo aqui sob

¹ Caso e leitor se interessar por assistir o filme, envie uma mensagem para unidesconcolonizacao@gmail.com solicitando link e senha para acesso.

um ponto de vista suspeito na condição de uma sucata que compõe o todo, porém espectadora, que recria e fabula, não a partir do que é, mas a partir do que pode ver². Dizem que a condição “pós-moderna” é uma experiência fragmentada. A possibilidade desconstrutiva que o discurso de vanguarda eurocêntrico pós-estruturalista oferece para nos libertarmos das opressões construídas e naturalizadas pelo social eurocêntrico é curiosamente tão desintegradora quanto o “tempo do mundo” plenamente ritmado e controlado pela frenética e autofágica dança circular da timeline, consumo-mercadoria/gozo-crack/Alzheimer. Ela não raro nos deixa aos pedaços na esperança de escavar alguma verdade fundamental escondida por trás dos discursos hegemônicos, que restabeleça talvez algo originário que sempre esteve, mas que foi expropriado. Este texto é uma busca-ensaio por sementes poéticas e políticas, composta de retalhos a partir do meu olhar para o filme na tentativa de dialogar e costurar imagens e pensamentos sobre um determinado mundo que, para que haja um futuro menos catastrófico, talvez precise chegar ao fim.

² Agradeço à Juma Pariri tanto pelo convite à germinar e plantar *Pe ataju jumali*, quanto pelas contribuições com ideias, palavras, silêncios e estímulos à criação deste texto.



(Cena do filme *Pe ataju jumali / Hot air (Ar quente)*, 2023, fotografia: Juliana Pongutá Forero).

As drásticas mudanças climáticas provocadas especialmente pela intensificação das emissões de gases do efeito estufa, como o CO₂, infelizmente não são apenas responsabilidade de alguns poderosos, empresários de empresas petrolíferas e políticos que representam seus interesses, mas está ligada com todas as estruturas de poder desde os governos ao capital financeiro. Mas se, por um lado, toda essa estrutura que se move pela fome voraz por lucro e poder, por outro lado, seu pretexto, em grande medida, é o de materializar o progresso e futuro da humanidade e, para isso, é necessário alimentar a forma de existência urbana que é o motor deste sistema. A cidade é um monstro insaciável. Seja na forma de combustível fóssil, seja na forma de eletricidade, a cidade precisa comer o planeta para se sustentar. Toda a devastação causada pelas diversas indústrias tem como principal intuito alimentar a insaciável

fome de energia e de mercadorias dos centros urbanos. As cidades e as indústrias estão consumidas uma na outra em um transe erótico pervertido e perverso que consome o planeta Terra. As cidades do Norte Global por meio da colonização determinaram essa coreografia macabra entre governos, mercados financeiros, indústrias, e quase todas as culturas do mundo agora repetem, na busca de efetivar o mito europeu do progresso humano e da modernidade, corporificado pelo modelo da cidade moderna euro-estadunidense e seu ser urbano.

É nesse contexto que as entidades do filme fazem sua jornada, saindo do Cosmos das florestas e Matas, para devolver para o ser urbano, habitante das cidades do Norte Global, consumidoras de Planetas, o Ar Quente, consequência da devastação provocada por seu modelo de existência, que irá sufocar a todos nós. Estes seres, no entanto, não vêm somente pedir para que a fome de mundos das cidades cesse, para que parem de comer o mundo. Trazem uma mensagem um tanto mais direta e pragmática. De certa maneira elas falam sobre encantamento e magia. Os seres encantados trazem uma oportunidade única para os bichos urbanos. Única no sentido de que talvez seja sua única alternativa. Após derrubar ou neutralizar as nobrezas que atrapalhavam seu negócios - A solução que as elites euro-estadunidenses encontraram na modernidade - para administrar e facilitar seus problemas e interesses econômicos, o patriarcal Estado

moderno de direito e sua democracia representativa, coloca os cidadãos como eternos reféns de uma representatividade que jamais se efetiva, uma farsa; nesse sentido os seres encantados convidam os animais urbanos a fazerem justiça ambiental com as próprias mãos, sem intermediários, sem representantes. Uma justiça não em nome de uma causa individual, ou da imposição e homogeneização dos valores de um grupo determinado, mas pela individualidade radical despida dos desejos de auto afirmação da própria identidade - tão prometida pelo liberalismo e pela modernidade - cuja radicalidade consiste no reconhecimento e dignificação real do Outro - humanos e não-humanos dentro do planeta Terra, e o reconhecimento da sua proporção de responsabilidade - enquanto bicho urbano - no processo de mudança climática. A mudança não virá simplesmente de representantes políticos nem somente de algumas vozes proeminentes dentro das diversas lutas, se os bichos urbanos não perceberem que todo o emaranhado império de mercantilização da existência, promovidos pela grande indústria, o capital global e os governos, consomem esquetejam e exaurem o planeta precisamente para sustentar o padrão de vida dos bichos da cidade moderna, não haverá o que fazer.

Por outro lado, estes seres mágicos procuram também nos despertar para o encantamento sob o qual estamos sujeitos. O que move o mundo desencantado é sem dúvida o feitiço. O

desencantamento do mundo, desilusão racional da modernidade, é o feitiço mais perverso e eficaz já produzido, pois determina precisamente que não existem encantamentos, negando qualquer possibilidade de romper com o império da racionalidade sob o risco da desrazão absoluta. Porém o monopólio de toda a magia - longe de ser afastada - fica sob controle das instituições financeiras. Estes seres veem nos contar sobre o discurso mágico do sistema de créditos de carbono, que afirma proteger florestas que apenas existem porque sempre foram e são protegidas pelos povos originários. O grande feitiço do Ocidente e sua modernidade são os encantamentos feitos pela palavra para criar mais valor e mais poder para si mesmos do nada. O mercado de créditos de carbono é mais uma das tantas farsas da representação colonial, em que a mente do bicho da mercadoria está sempre criando novas formas de lucrar a partir de discursos vazios. Hot Air é o feitiço fundamental do Ocidente: soltar no ar palavras vazias que inflam e vendem grandes balões como se estivessem estufados de riquezas, quando na verdade estão cheio de palavras e discursos vazios. Se encantamento pode ser entendido como um jorro de palavras vazias ao vento, as entidades capturam esse Ar Quente, palavras vazias, que pesam toneladas de CO₂ arremessadas na atmosfera, e que pretendem não somente manter o nível das emissões das grandes indústrias, mas ainda lucrar sobre essas próprias emissões criando

sistemas de créditos que convertem o processo natural de respiração das florestas em mercadorias.

O mundo colonial – seus destroços – em que estamos situados é como esses globos de látex, a fartura da modernidade, balões inflados cheios de palavras vazias. Dentro de balões de camisinha, os seres encantados trazem as sementes de cura. O sêmen foi enganosamente assim chamado por uma confusão com a semente, aqui os balões de camisinha, projetada para conter o sêmen, carregam precisamente aquilo que o fluido seminal nunca será: semente. Semente é a promessa de vida, o sêmen é, em culturas patriarcais, tal como a que vivemos, menos a promessa e mais a consumação da violência sobre corpos subjugados, a humilhação e destruição da vida. Os balões cheios do Ar Quente da modernidade trazem dentro a semente daqueles seres que poderiam transformar todo o vazio discursivo em ar respirável. Tomar a justiça com as próprias mãos é um gesto literal, não uma metáfora fascista para legitimar pela ação individual a imposição violenta de falsos valores coletivos. Arrebentar o feitiço de palavras vazias, que infla com ideais de progresso e técnica o imaginário dos bichos da cidade, é encontrar o presente trazido por estes seres mágicos, a semente do futuro não é metafórica, mas literal: o ato ecoperformágico de replantar com as próprias mãos o futuro.



(Cena do filme Pe ataju jumali / Hot air (Ar quente), 2023, fotografia: Frê Arvora)

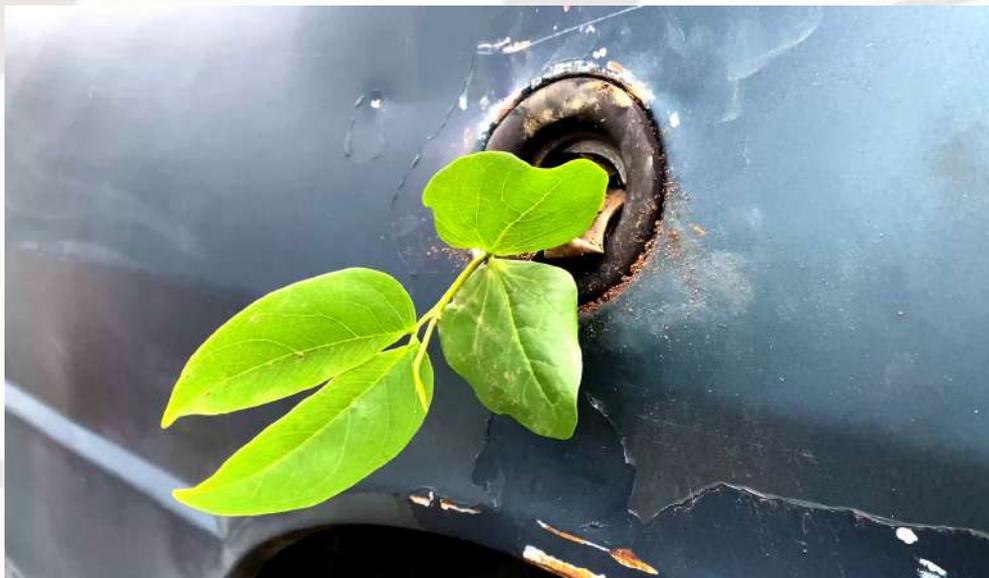
A cidade se enraíza e se alastra sobre a pele da Terra formando densas crostas de asfalto e concreto, cancros urbanos que mastigam a carne da terra, biomas, rochas, águas, vidas e vegetações. Urge de uma fome insaciável, feito um deus atroz, antropofágica, a cidade se alimenta de gente, tritura e come sua carne e sorve a energia vital desse bicho humano. A cidade não é meramente uma aglomeração permanente de assentamentos humanos, é também um organismo vivo, uma coletividade em movimento. O organismo urbano é um corpo doente, doente não porque está em si convescido, mas cuja saúde poderia ser estabelecida, mas porque é um estado doentio. A cidade é um corpo que nega a sua relação com o mundo que lhe abriga. Que se fecha sobre si próprio, como uma embalagem, na promessa de um

progresso atestada pela complexificação de sua externalidade tecnológica, sua evolução. O organismo cidade, corpo coletivo brutal e faminto, está alojado no corpo da terra feito um feto abrigado no útero do ser que lhe gesta como um imenso parasita que consome todos os nutrientes que a Mãe lhe oferece, exaure até a última grama ou gota vital desse corpo que lhe abriga e lhe alimenta. A cidade moderna é um organismo coletivo resultante de uma cultura humana ensimesmada que se materializa pela sistemática negação de toda e qualquer alteridade que não seja humana. Segundo sua mitologia, o planeta terra se reduz a um conjunto inerte e inócuo de objetos que são de sua propriedade como recursos ao seu serviço. A partir desta mitologia, a Cidade Sujeito, se reproduz sobre o corpo da terra como um vírus, ou feridas parasitárias e sua ação soberana é a de sugar a Natureza: a condição de soberania de um Sujeito único – solipsista - surge como a autoficção de um corpo em estágio parasita.

Se todo nascimento é uma ecoperformance, traz ao mundo a sua própria continuidade, é um ato que carrega para o mundo a manutenção da casa comum (eco), o novo é a materialização de qualquer ancestralidade, uma performance se pretende uma quebra no fluxo vida cotidiana, uma suspensão, um acontecimento, mesmo que banal, que pretende exhibir aquilo que aparentemente está invisibilizado no dia a dia. Mãos amparam o nascimento do fruto e das sementes envoltas em camisinhas, retirando de dentro de si o passado e o futuro. A naturalização da buceta como aquilo que ela

é, uma parte do corpo, é abominável para a civilização: é sujo, nojento, perturbador e escatológico. A nudez é um dos maiores tabus impostos pela cultura colonizadora. A liberdade de um corpo de poder andar nu é talvez uma das mais simples e mais radicais que se pode reivindicar dentro da cultura colonial. Simples porque consiste em apenas existir com seu próprio corpo, o que é uma absoluta afronta para a moral judaico-cristã, para a moral burguesa e para o ideal de progresso técnico-científico ocidentais. No imaginário colonial, nudez é sexo e inocência, pecado e ingenuidade, nudez é falta de desenvolvimento moral e técnico. Quando o deslumbramento renascentista pela técnica e o delírio mercantil burguês, de comprar seu passe de nobreza produzindo e vendendo mercadorias - ideologias urbanas da cidade medieval - encontram terras e corpos para subjugar, violentar, escravizar, espoliar, a modernidade surge. A colonização é o processo que viabiliza materialmente a modernidade. Curiosamente a principal indústria beneficiada pelas “revoluções” técnicas de fabricação é a indústria têxtil. O processo de extermínio dos povos “nus” e a apropriação de suas terras e corpos para criar riquezas para as cidades europeias coincide com a massificação da produção de tecidos para vestir os europeus. Também a terra e os rios passam a ser cobertos e soterrados pelo processo de urbanização colonial. O próprio aquecimento global decorrente da intensificação das emissões de gases do efeito estufa, o qual é um fenômeno necessário para a regulação dos climas e biomas da Terra, é como

uma vestimenta forçada, uma roupa indesejada que nos sufoca. A cidade moderna e seu progresso civilizatório revestem a Terra com seu cancro urbano e seus dejetos massivos e tóxicos como os colonizadores forçaram os povos indígenas a vestirem-se e esconderem seus corpos. O progresso técnico-científico sob a prerrogativa de avançar para a liberdade e emancipação de uma humanidade baseada no modelo supremacista branco euro-estadunidense em grande medida tem servido apenas para produzir cada vez mais lixo ao ponto de a Terra ser um corpo-lixo.



(Cena do filme Pe ataju jumali / Hot air (Ar quente), 2023, fotografia: Frê Arvora)

A palavra fragmentada da “pós”-modernidade é uma moeda inflacionária, os discursos construtores e desconstrutivos do social são infinitos, ela é perfeita para analisar e descrever aquilo que ela própria é, resíduos da subjetividade urbana moderna, porém carecem da capacidade MÁGICA de antever e criar um

futuro que não espelhe a si própria, suas tantas palavras e conceitos escapam das nossas mãos e quase sobem aos céus, feito palavras vazias, inflacionadas, feito ar quente. Por isso o futuro, se deseja ser, precisa se desentender da racionalidade técnico-matemática que tudo conhece, controla e determina. Para transformar verdadeiramente a condição catastrófica colonizante que nos encontramos, o corpo precisa agir, as mãos precisam juntar-se para irem de encontro à terra, e é lá que, cavando, talvez encontrem as sementes para um futuro. Todo futuro (infelizmente) é ancestral! Tudo o que se materializa traceja um recorrido que não é de ontem. Assim, nosso momento de catástrofe atual é também ancestral, por isso é tão fundamental abrir caminho para outras ancestralidades, fortalecer e dar espaço e protagonismo para os povos indígenas. A grande indústria, o sistema financeiro e os governos dos países do Norte Global são os grandes responsáveis pela catástrofe ambiental, humana e climática, porém são os seres urbanos e o modelo de transe existencial de consumidor/mercadoria a partir do qual vivem em simbiose com este mecanismo perverso e o mantém. Ciência e tecnologia “avançadas” não significam progresso em si mesmas, são apenas ferramentas, neste momento não apenas estão a serviço de interesses por lucro, controle e destruição, como somente são possíveis por conta deles e neles se retroalimentam. Os seres encantados de *Pe Ataju Jumali* trazem um pedido de ajuda e uma semente de futuro: A única coisa que podemos fazer nesse momento com nossos próprios corpos é nos curvar à terra, aprender

com ela e plantar. O futuro precisa de terras cultivadas anti-monoculturalmente por coletivos que nela vivem, precisa de florestas, precisa cada vez mais e mais de sementes ativas e diversas, humanas e não-humanas. O futuro é devolver à Terra o que ela - sem o pretense progresso civilizatório urbano técnico-industrial - sempre foi: Livre e diversa.

* **Frê Arvora** é artista trans NB composteira translinguagem. Atua em projetos na área de sonoplastia, produção de trilha sonora, música experimental e fotopoesia. Possui formação técnica em Sonoplastia e graduação em Filosofia. Tem colaborado em diversos projetos com a artista indígena Juma Pariri, como na fotoecoperformance “Educação pela Pedra” e a Cartilha de Muda de Sangue e no filme curta-metragem *Pe ataju jumali / Hot air* (2023).

Submetido em: 30/06/2023

Aprovado em: 23/11/2023